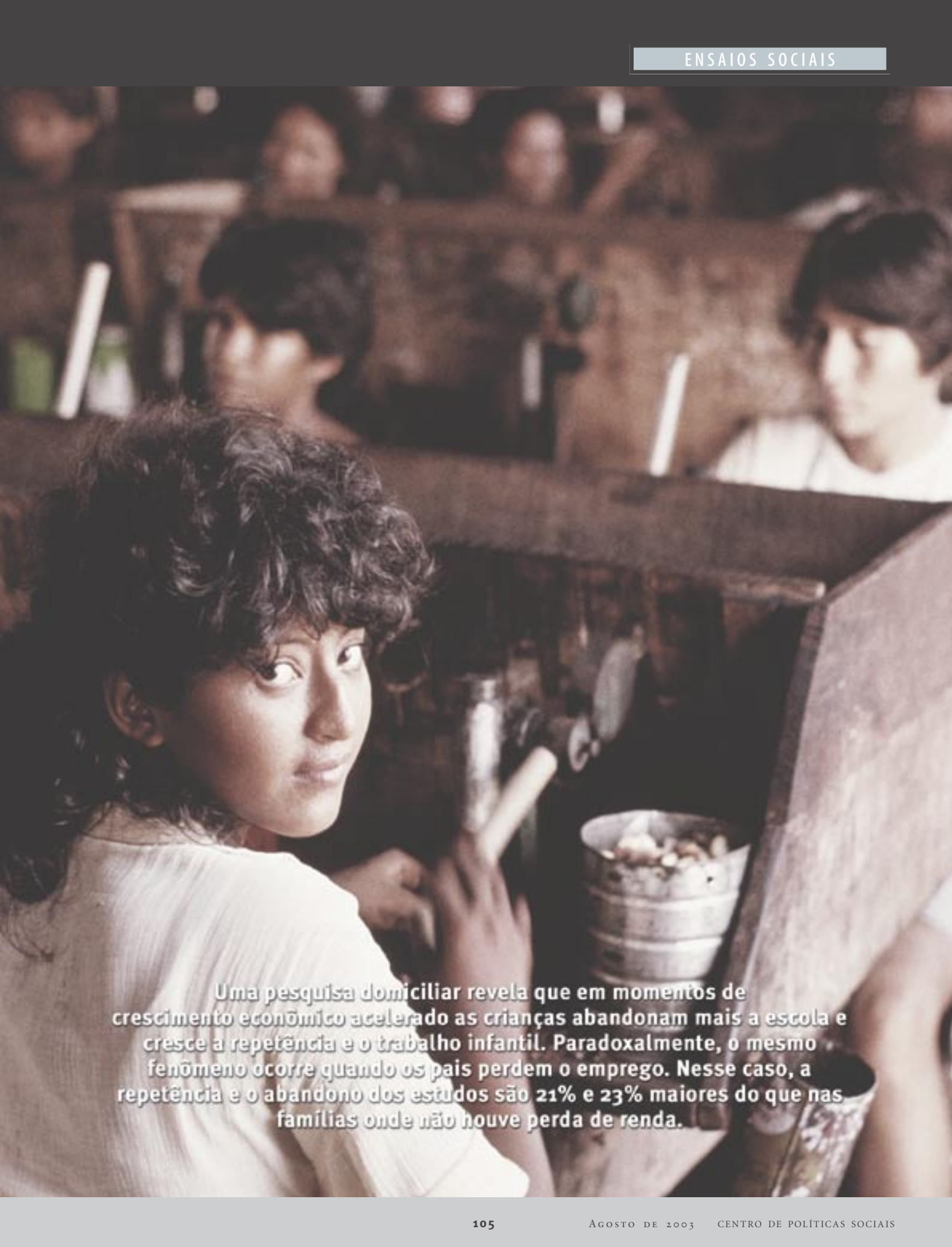




Uma pesquisa domiciliar revela que em momentos de crescimento econômico acelerado as crianças abandonam mais a escola e cresce a repetência e o trabalho infantil. Paradoxalmente, o mesmo fenômeno ocorre quando os pais perdem o emprego. Nesse caso, a repetência e o abandono dos estudos são 21% e 23% maiores do que nas famílias onde não houve perda de renda.

Infortúnios paternos, *infâncias perdidas*

O trabalho precoce cresce quando se junta a fome com a possibilidade de comer.

Isto acontece com crianças pobres de regiões ricas ou filhos de desempregados durante booms econômicos

MARCELO NERI E DANIELA COSTA

Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV

UM EMINENTE ECONOMISTA ficou os custos sociais das flutuações macroeconômicas, indicando quanto cada indivíduo estaria disposto, em média, a contribuir para que a alternância entre *booms* e recessão fosse erradicada: um *Big Mac* por ano! Valor baixo, pois trata-se do caso dos EUA, onde, por hipótese, o Estado não só tentaria, como conseguiria amortecer toda instabilidade observada.

O problema dessa conta é que durante a recessão — por exemplo, a grande depressão dos anos 30 — a renda média não cai a níveis próximos de zero, ao passo que na prática alguns indivíduos têm suas respectivas rendas zeradas. Nas crises, muitos sofrem pouco e poucos sofrem muito. O valor de um hambúrguer para quem está morrendo de fome vale muito.

As limitações incorridas nas análises agregadas são múltiplas. O nível micro

permite mensurar não só os custos da instabilidade como também as suas conseqüências. A realidade do adolescente americano que trabalha em lojas de *fast food*, ou dos brasileiros envolvidos na produção de bens transacionáveis, como calçados ou suco de laranja — estudados com devoção nos EUA — difere daquela dos nossos garotos que vendem chiclete no sinal de trânsito. É preciso considerar a heterogeneidade das situações vividas.

Apesar da nossa longa história, há poucos estudos sobre os custos sociais permanentes da instabilidade. Abordamos aqui os efeitos de longo prazo da instabilidade microeconômica. Em particular, o impacto de choques na renda paterna sobre variáveis de acumulação de capital humano, como: evasão escolar, repetência e trabalho infantil.

O ciclo de vida pode ser dividido em três fases: na primeira a criança trabalha e não estuda, depois estuda

mas trabalha para na última fase abandonar por completo a infância, ou seja, trabalhar e não estudar. Quais seriam os efeitos de infortúnios paternos em termos da entrada precoce da criança no mundo adulto?

Os dados de uma pesquisa domiciliar conseguidos em curtos intervalos de tempo foram usados para estimar os impactos de mudanças da situação dos pais sobre as mudanças no uso do tempo das crianças entre o trabalho e o estudo. A análise está restrita às famílias compostas por pai, mãe e pelo menos uma criança com idade entre 10 e 15 anos, residentes nas seis principais áreas metropolitanas, durante as duas últimas décadas.

As principais variáveis usadas são aproximações dinâmicas de impulsos e respostas, isto é: de um lado choques de renda nos pais e de outro, a probabilidade de a criança abandonar a escola, repetir a série e/ou começar a trabalhar.

Exploramos eventos controlados por características das crianças (gênero, idade, se a criança está atrasada na escola), dos pais (escolaridade e renda) mais variáveis de tempo e de localização. Em suma, comparamos crianças em situações idênticas no que é possível observar.

Os resultados sugerem que choques adversos na renda paterna têm correlação positiva com a evasão e a repetência escolar. As respectivas chances de esses eventos ocorrerem com crianças cujos pais sofreram perdas de renda são 21% e 23% maiores do que com aquelas que não apresentaram alteração no *status* paterno. Os resultados, porém, não apresentam relação significativa entre o pai perder o emprego e a criança começar a trabalhar.

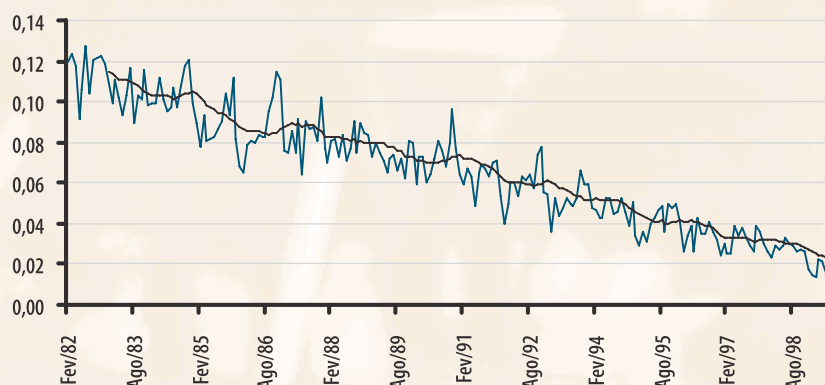
Por outro lado, quando trabalhamos com a variável de choque interagindo com o nível de renda inicial dos pais, encontramos um impacto significativo nos três quintis de renda inicial mais baixos. Ou seja, apenas as crianças pobres tendem a ingressar no mercado de trabalho em face do infortúnio paterno.

A análise agregada difere dos resultados obtidos usando-se os dados individuais já citados: em fases de *booms* macroeconômicos o trabalho precoce entra em alta e o desempenho escolar em baixa. 1986, o ano do *boom* do Cruzado, constituiu um pico do trabalho precoce, da evasão e da repetência escolares. Este resultado parece mostrar que as maiores oportunidades, associadas à expansão macroeconômica, podem ser prejudiciais ao futuro das crianças.

Os dados relativos a trabalho infantil, repetência e evasão escolares das tabelas permitem dois níveis de análise dos seus principais determinantes econômicos. Variáveis microeconômicas, como a escolaridade do pai ou da mãe, são indicativas das necessidades a serem supridas pela oferta de trabalho precoce, levando também à evasão e ao atraso escolar.

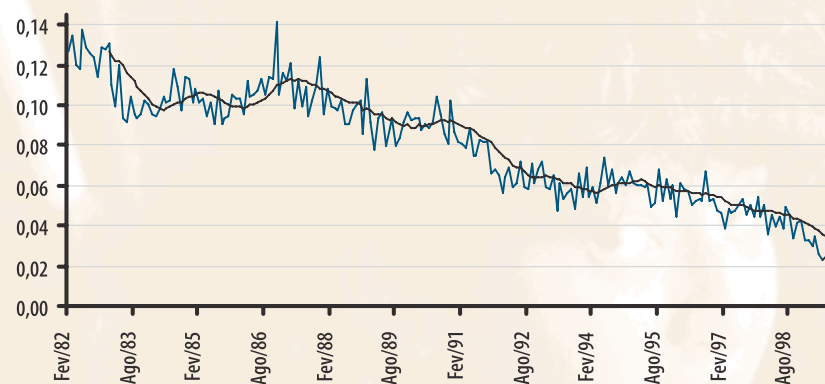
Já no nível macroeconômico, representado não só por períodos de *booms* como pelo desenvolvimento de regiões, revelam a pressão exercida pela maior demanda sobre o trabalho infantil, mais presente nas regiões metropolitanas de

EVASÃO ESCOLAR



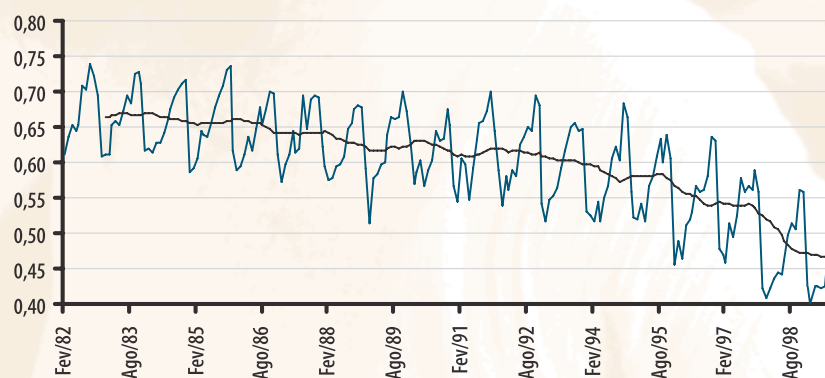
Fonte: PME – IBGE. Elaboração: CPS/IBRE/FGV.

TRABALHO INFANTIL



Fonte: PME – IBGE. Elaboração: CPS/IBRE/FGV.

CRIANÇAS ATRASADAS NA ESCOLA



Fonte: PME – IBGE. Elaboração: CPS/IBRE/FGV.

São Paulo e Porto Alegre do que nas de Recife e Salvador.

Em suma, o pior desempenho infantil acontece quando se combina necessidade com oportunidade: crianças pobres de regiões ricas ou filhos de desempregados durante *booms*. Nesses casos as chances de os filhos sacrificarem o seu futuro é maior, pois se junta a fome com a possibilidade de trabalhar para comer.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE nos oferece uma visão do problema em termos nacionais, permitindo diferenciar situações rurais das urbanas: nas áreas rurais, 36% das crianças entre 10 e 14 anos estavam trabalhando. Nas áreas urbanas, 8% estavam trabalhando. Em média, durante as duas últimas décadas, houve aproximadamente duas vezes mais meninos trabalhando do que meninas. Noventa por cento dos indivíduos provenientes de famílias pobres não terminaram o 2º grau e 74% não completaram a 4ª série.

Dos pobres, 45% têm menos de 16 anos de idade. Ao mesmo tempo em que as taxas de matrícula são altas no Brasil, o nível educacional atingido progride lentamente devido à frequência escolar irregular (muitas faltas), às altas taxas de repetência (13%) e ao abandono escolar (8,9%). Ainda de acordo com a PNAD, 15% de todas as crianças nesta faixa etária estavam trabalhando — houve uma queda de dois pontos percentuais desde 1995. ▼

Bibliografia

- Barros, Ricardo Paes, Rosane Mendonça e Tatiana Velazco, 1995. *Is Poverty the Main Cause of Child Work in Urban Brazil?*, Ipea.
- Neri, M.C. and Thomas, M.R. 2000. *Growth and Recessions: An Episodic Analysis of their Effects on Employment, Income, and Poverty in Metropolitan Brazil since 1982*. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- Neri, M.C., Gustafsson-Wright, E., Seadlacek, G., Costa, D. e Pinto, A. 2000a. *An Assessment of the Bolsa Escola Programs in Brazil, Human Development Network, Latin America and the Caribbean Region*. The World Bank.

INDICADORES INFANTIS – 10 A 15 ANOS DE IDADE – BRASIL METROPOLITANO

Probabilidades da criança:	(%)
Estáticos	
Não freqüentar a escola	6,68
Estar atrasada na escola	60,11
Trabalhar	8,07
Trabalhar e freqüentar a escola	5,38
Dinâmicos	
Começar a trabalhar	2,66
Abandonar a escola	0,49
Começar a trabalhar dado que freqüenta a escola	2,18
Abandonar a escola dado que não trabalha	0,44
Número de observações	2.466.000

Fonte: PME – IBGE. Elaboração: CPS/IBRE/FGV.

DETERMINANTES MICRO E MACRO DO DESEMPENHO INFANTIL

	Evasão escolar (%)	Atraso mais de um ano (%)	Trabalho infantil (%)
Total	6,96	61,42	9,55
Faixas de educação do pai			
0 anos completos de estudo	17,69	88,24	18,57
1-3 anos completos de estudo	11,65	77,11	14,22
4-7 anos completos de estudo	5,99	64,22	9,43
8-11 anos completos de estudo	1,77	44,82	4,32
12-15 anos completos de estudo	0,58	23,52	1,77
16 ou + anos completos de estudo	0,52	20,73	1,43
Faixas de educação da mãe			
0 anos completos de estudo	18,22	88,61	18,43
1-3 anos completos de estudo	11,26	77,76	13,59
4-7 anos completos de estudo	5,09	62,24	8,86
8-11 anos completos de estudo	1,29	38,89	3,71
12-15 anos completos de estudo	0,40	20,09	1,68
16 ou + anos completos de estudo	0,00	18,90	1,23
Regiões metropolitanas			
Porto Alegre	10,84	51,95	11,62
São Paulo	4,93	52,97	11,55
Rio de Janeiro	6,41	62,09	6,22
Belo Horizonte	8,25	64,51	11,08
Recife	7,42	73,02	8,94
Salvador	3,50	72,31	6,20
Sub-períodos			
82-83	10,74	67,29	13,24
84-85	9,69	66,72	11,30
86-87	8,21	65,42	12,11
88-89	7,01	62,56	10,04
90-91	6,55	62,91	10,03
92-93	5,64	61,16	7,01
94-95	4,11	55,51	6,16
96-97	3,01	53,73	5,66
98-99	2,40	43,75	4,54

Fonte: PME – IBGE. Elaboração: CPS/IBRE/FGV.